

A QUESTÃO DA ORGANIZAÇÃO EM ANTON PANNEKOEK¹

Jaciara Veiga*

A coletânea *A Questão da Organização em Anton Pannekoek*, publicada em 2020 pela Edições Redelp (a primeira edição foi lançada em 2011 pela editora Achiamé), foi organizada por Lisandro Braga e Nildo Viana. Prefaciada por seus organizadores e dividida em cinco capítulos, visa resgatar o pensamento de um dos principais teóricos do chamado "comunismo de conselhos" e teorizador dos conselhos operários. O primeiro capítulo é de autoria dos organizadores da coletânea e apresenta brevemente a biografia de Pannekoek, a evolução do seu pensamento e sua abordagem acerca da questão organizacional; o segundo, de autoria de Edmilson Marques, discute a questão da organização proletária, com foco nos conselhos operários; o capítulo três é de Nildo Viana, e focaliza o pensamento do autor sobre os sindicatos; no capítulo quatro, Renato Dias apresenta a abordagem do autor acerca dos partidos políticos; a conclusão da obra se dá com o capítulo cinco, de Lucas Maia, onde ele aborda a questão da organização proletária a partir de sua relação com a utopia.

A importância teórica e política do pensamento de Pannekoek para o movimento revolucionário do proletariado é inegável, uma vez que resgata o marxismo autêntico — deformado ao longo da história por inúmeras tradições de pensamento e seus adversários políticos — e demonstra a capacidade política revolucionária da classe operária e suas formas de auto-organização. Numa sociedade marcada pela luta de classes, onde o proletariado vive em constante combate ao capital, a questão da organização segue sendo fundamental, afinal, se de um lado temos a burguesia, com suas próprias organizações, cujo objetivo é manter as relações sociais existentes, do outro, temos o proletariado revolucionário com suas próprias organizações, cujos objetivos são totalmente antagônicos, buscando pôr fim à estas relações sociais e lutando pela transformação radical desta sociedade.

Nesse sentido, na contramão do pensamento de muitos ideólogos que afirmam a incapacidade da classe operária de criar suas próprias organizações, na luta contra o capital e, por conseguinte, necessitar das organizações burocráticas (partidos, sindicatos), o pensamento de Pannekoek expressa teoricamente o movimento operário revolucionário, suas organizações e lutas históricas, demonstrando não só sua capacidade de constituição de formas de

¹ Resenha do livro BRAGA, Lisandro e VIANA, Nildo (Orgs.). *A Questão da Organização em Anton Pannekoek*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.

* Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná/UFPR.

organização autênticas (conselhos operários), bem como sua potencialidade revolucionária para sua autolibertação a partir da luta de classes. Posto isto, nos perguntamos: é possível a classe operária se auto libertar a partir das organizações burocráticas? Acreditamos que alguns pontos desta coletânea contribuem para responder a nossa questão.

Toda classe social produz suas organizações, suas formas de luta contra as demais classes. No prefácio, os autores trazem os exemplos das várias experiências revolucionárias do proletariado que demonstram sua capacidade de auto-organização e a necessidade de uma ruptura completa com as organizações burocráticas (partidos e sindicatos) que se dizem representantes do proletariado. Pannekoek, ao revisar teoricamente as práticas do movimento operário, “abstraiu a essência de sua prática revolucionária, ou seja, a auto-organização da luta operária contra a opressão do capitalismo e a construção de novas formas sociais a partir da autogestão da produção” (p.18). Desta forma, concordara com Marx de que “a emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores” (p. 18).

No segundo capítulo, intitulado *A Questão da Organização em Anton Pannekoek*, de autoria de Edmilson Marques, o autor propõe discutir a concepção de Pannekoek sobre a organização operária. Pensando na efetivação de uma sociedade radicalmente diferente da existente, Pannekoek coloca que a tarefa maior para os trabalhadores é a organização da produção em novas bases. O modo de produção é a essência da sociedade, isto é, o modo como os indivíduos produzem os meios necessários e indispensáveis para sua sobrevivência, é a própria essência da sociedade. No capitalismo, o modo de produção é caracterizado pela relação de exploração dos capitalistas sobre o proletariado. É, portanto, uma relação de exploração entre classes, e esta relação, por sua vez, gera a luta de classes — uma luta entre as duas classes fundamentais, aquela que produz, os trabalhadores, e a que se apropria do que é produzido, os capitalistas. Diante desta relação de exploração, a classe produtora luta por sua libertação, enquanto a classe capitalista luta para a manutenção do capitalismo, ambas formando distintas organizações nas quais seus integrantes, movidos pelo interesse da classe, buscam realizar determinados objetivos.

Apesar de serem minoria, os capitalistas criaram estratégias para convencer a classe trabalhadora da naturalidade do capitalismo, ou seja, fazendo-os crer que estão vivendo no melhor dos mundos já existentes, restando-lhes, pois, buscarem melhores formas de se viver nesta sociedade. De acordo com Pannekoek,

para a burguesia, o capitalismo é o único sistema social possível e natural (trata-se do capitalismo na sua forma final, a mais elaborada, já que foi precedida por outras formas mais primitivas). É por isso que, segundo a burguesia, as características do sistema capitalista não são temporárias e sim fenômenos naturais, expressão da eterna natureza humana (p. 39).

No entanto, os capitalistas não são capazes de manter, sozinhos, o domínio e exploração sobre o proletariado. Assim, surge uma outra classe para auxiliar a burguesia, que passa a ser também responsável por reproduzir a sociedade, controlando tanto a produção quanto as relações sociais fora das fábricas. Esta classe é a burocracia. Os burocratas, por sua vez, atuam no Estado através dos partidos políticos, que se organizam em torno do parlamento, como estratégia para amortecer a luta de classes, efetuando seu domínio através da democracia representativa. Porém, a democracia representativa é uma democracia burguesa, criada para reproduzir seus interesses. A manutenção dos interesses da burguesia é garantido através dos partidos políticos que

são organizações burocratizadas, compostas por indivíduos divididos hierarquicamente os quais desempenham funções específicas, “indivíduos que nasceram, foram criados e educados na (e para) a sociedade burguesa. A sociedade capitalista é marcada pela burocratização, mercantilização e competição. Isto se reproduz nos partidos políticos. O que predomina nos partidos políticos é a burocracia partidária” (p. 41).

Os partidos são movidos pela ideologia de que existem para trazer benefício para “toda” a sociedade, e alguns se declaram representantes legítimos da classe trabalhadora. Todavia, eles têm uma relação íntima com o modo de produção capitalista, isto é, seu compromisso com a classe que detém o poder, os capitalistas, condiciona suas ações políticas, passando a desenvolver interesses de uma minoria dirigente. E mesmo aqueles partidos que dizem representar os interesses das classes oprimidas, os ditos partidos comunistas, na verdade, lutam por interesses próprios e almejam tomar o poder e exercê-lo.

Uma outra organização que surge da luta entre trabalhadores e capitalistas, são os sindicatos, criados inicialmente pelos trabalhadores com o objetivo de fortalecer a luta contra os patrões. No entanto, foram apropriados pelo capitalismo e, assim como os partidos políticos, passaram a “criar os meios necessários para a manutenção da ordem e reprodução do capitalismo no domínio da classe operária” (p. 43). Os sindicatos são organizações hierarquizadas, cuja função é impedir que os trabalhadores lutem de forma direta contra o Estado e os patrões. De acordo com Pannekoek, o objetivo do sindicalismo não é substituir a o capitalismo por um outro modo de produção, mas melhorar as condições de vida no interior do próprio capitalismo. “A essência do sindicalismo não é revolucionária, mas conservadora” (p. 43-44).

Contudo, como demonstrou Pannekoek, uma vez que os trabalhadores descobrem que estas organizações (partidos e sindicatos) estão contra eles e a serviço do capital, surge uma resposta — os conselhos operários — que demonstra que a forma organizacional operária é

distinta das organizações burocráticas. “Os conselhos operários constituem a forma de autogoverno que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo” (p. 45). São organizações operárias autênticas, que foram criadas pelos trabalhadores visando essencialmente a transformação social, o fim da exploração, a efetivação concreta da liberdade humana. São integradas somente por trabalhadores, com seus interesses próprios, e sem ligação alguma com as organizações burocráticas.

Pannekoek demonstra que os conselhos operários é a organização autêntica do proletariado, que surge para substituir toda e qualquer organização existente no capitalismo. Nesse sentido, segundo ele, os operários têm como tarefa libertar a si próprios e ao mesmo tempo a humanidade em geral. E esta tarefa só pode ser alcançada negando e destruindo todas as organizações burocráticas.

No capítulo três da coletânea, intitulado *Anton Pannekoek e a Questão Sindical*, de autoria de Nildo Viana, destacamos os pontos nos quais Pannekoek deixa claro o caráter contrarrevolucionário dos sindicatos, bem como a relação indissolúvel destes e dos partidos políticos com o capitalismo, apontando para a necessidade de novas formas de organização. O sindicato, além de se tornar uma instituição da sociedade capitalista, torna-se também um de seus sustentáculos, uma vez que não só se limitam a pactuar com a burocracia estatal, mas também se esforçam para que os proletários aprovelem os acordos a que chegam com os capitalistas. E isso é feito por meio da demagogia, da violência e de mentiras desavergonhadas. Sendo assim, “os sindicatos não podem ser instrumentos da revolução proletária” (p. 61). Aí reside o caráter contrarrevolucionário dos sindicatos. A efetivação da revolução, portanto, só ocorrerá se esta forma de organização for abolida.

Pannekoek percebeu o papel dos sindicatos, mas também dos partidos, enquanto organizações integradas ao capitalismo e, por conseguinte, sem utilidade política:

[...] a forma de organização em sindicato e partido, originária do capitalismo ascendente, já não apresenta a menor utilidade. Com efeito, se metamorfosearam ao serviço dos chefes que não podem nem sequer comprometer-se com o combate revolucionário. A luta não depende dos dirigentes: os líderes operários [sic] detestam a revolução proletária. Para levar este combate têm, pois, necessidade de formas de organização novas que conservem seus elementos de força (p. 73).

Dando continuidade à concepção de Pannekoek de que a emancipação do proletariado é resultado de suas próprias ações, Renato Dias, no quarto capítulo, intitulado *Anton Pannekoek e os Partidos Políticos*, apresenta a análise do autor acerca dos partidos políticos, demonstrando suas críticas e recusa até mesmo dos ditos partidos operários, revolucionários, em favor da criação de organizações autônomas do proletariado em luta. Segundo Pannekoek,

Os partidos operários só têm um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como se fosse a autêntica emancipação do proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando à constante expansão de sua esfera de influência (p. 91).

E ainda,

a expressão “partido revolucionário” é, pois, uma grande contradição nos seus termos. Um partido seria revolucionário se o termo revolucionário significasse troca de governo ou, no máximo, tomada do poder por uma nova classe exploradora e opressora (p. 93).

Ao invés da mediação representativa, Pannekoek chama a atenção para a necessidade de formas de organização de participação direta dos trabalhadores na transformação da realidade.

Por fim, chegamos ao último capítulo, cujo título é *Os Conselhos Operários de Anton Pannekoek: uma utopia concreta da revolução proletária*, de autoria de Lucas Maia, onde é abordada a questão dos conselhos operários a partir da relação com a utopia concreta. Toda a coletânea aponta para a importância da organização para a luta do proletariado contra o capitalismo. No entanto, “não é qualquer luta que serve ao proletariado” (p. 101). Vimos que as organizações burocráticas (partidos políticos e sindicatos) servem ao capital, tendo como objetivo a manutenção das relações sociais existentes. Ao proletariado, serve a auto-organização, os conselhos operários, pois, “à medida que os trabalhadores passam a se auto organizar em conselhos operários, a tendência é a luta se radicalizar” (p. 101). Nesta forma de organização, radicalmente diferente das organizações burocráticas, consiste a tendência da consolidação de uma sociedade livre e libertária. Deste modo, Maia enxerga os conselhos operários como uma utopia-concreta, um *rumar-para-frente*. Para ele, “a forma-conselho, quando em luta autogestionária expressa um conteúdo completamente novo, ou seja, o embrião da nova sociedade”. Portanto, a forma-conselho é “expressão da tendência, do ponto de vista revolucionário, que visa construir o novo ou o *ainda-não existente* (p. 106).

Ao contrário dos patrões, partidos, sindicatos, e do Estado, os conselhos não são um poder sobre os trabalhadores, mas sim “a expressão viva na qual se manifesta a autonomia, criatividade e espontaneidade dos trabalhadores” (p.110).

Os princípios da classe operária são contrários em todos os aspectos. A organização da produção pelos trabalhadores baseia-se na livre cooperação. Nem amos, nem escravos. O mesmo princípio preside na integração de todas as empresas em uma organização social unificada. Também corresponde aos operários construir o mecanismo social correspondente (p. 110).

Sendo assim, diante das instituições capitalistas, que dizem representá-los, mas que, na verdade, representam aos capitalistas, cabe aos trabalhadores construir a autogestão social.

Isto, porém, não pode ser feito reproduzindo a burocracia, a submissão, a exploração, mas somente agindo por si mesmos, ou seja, criando suas próprias organizações. A destruição da sociedade capitalista implica, simultaneamente, na construção da nova sociedade, e a análise das lutas passadas do proletariado feitas por Pannekoek, demonstra o caminho para onde deve se dirigir a revolução proletária. Nas experiências passadas do movimento do proletariado revolucionário está contida a resposta para se alcançar o objetivo da revolução dos trabalhadores, o ainda-não existente, isto é, a sociedade autogerida.

Diante do que foi exposto, acreditamos que temos elementos que nos permitem responder à nossa questão: é possível a classe operária se auto libertar a partir das organizações burguesas? *A resposta é, obviamente, não, não é possível.* E isso se deve ao caráter contrarrevolucionário destas organizações. Os partidos e sindicatos são organizações burocráticas, cujo objetivo é a manutenção da sociedade capitalista. Seus integrantes, os burocratas, apesar de se colocarem como representantes dos trabalhadores, não passam de dirigentes reformadores do capitalismo. Utilizando de fraseologias revolucionárias, dizem buscar pela transformação social, quando, na verdade, não fazem outra coisa senão distorcer os interesses da classe proletária e reproduzir as relações sociais existentes (exploração, dominação). Seu compromisso é com a classe dominante, com os capitalistas. Em relação aos trabalhadores, só lhes interessa uma coisa, governá-los, através de suas falsas promessas.

Aos trabalhadores, portanto, cabe tomar em suas mãos a direção da sua própria luta. Somente substituindo as organizações burocráticas, tais como partidos e sindicatos, e criando organizações autárquicas, como os conselhos operários, é que os trabalhadores poderão alcançar seu maior objetivo, a construção de uma nova sociedade. A partir das experiências históricas do proletariado, é possível perceber que a auto emancipação proletária deve ser, pois, obra da própria classe proletária.

Por fim, acreditamos que esta coletânea demonstra a importância da auto-organização para o movimento do proletariado revolucionário, bem como nos chama a atenção para a necessidade de resgatar pensadores autenticamente revolucionários, cujas concepções são deformadas, esquecidas de tempos em tempos, pelos ideólogos e adversários políticos do marxismo e, por conseguinte, da revolução proletária.

* Recebido em: 08/02/2023

* Aceito em: 22/04/2023